

O Teatro do Oprimido na trilha da interdisciplinaridade e sustentabilidade no semiárido nordestino

Priscilla Teixeira Campos¹, Adauto de Souza Ribeiro²

Resumo

Este estudo busca compreender como o Teatro do Oprimido, aliado às temáticas socioambientais elencadas pela Flor da Permacultura, potencializa as vivências de educação ambiental no entendimento de conceitos complexos como o de sustentabilidade. A metodologia de pesquisa qualitativa baseou-se na pesquisa-ação, utilizando os conceitos de sustentabilidade e educação ambiental como crítica emancipatória. O trabalho de campo foi realizado na forma de oficina teatral, na qual foram aplicados jogos do Teatro do Oprimido com temas socioambientais à juventude do coletivo político no semiárido sergipano. A coleta de dados ocorreu por meio de questionários, entrevistas, rodas de conversa e diários de campo. A questão norteadora investigou quais as contribuições teórico-metodológicas o Teatro do Oprimido e a Flor da Permacultura trazem para a educação ambiental. A análise de dados foi realizada por meio de triangulação, categorização e análise temática. Concluímos que o Teatro do Oprimido, aliado à Flor da Permacultura, é eficaz no diagnóstico socioambiental local e na compreensão de conceitos complexos como o de sustentabilidade, tornando-se uma possibilidade integradora de exercer uma educação ambiental diferenciada numa dimensão também estética.

Palavras-chave

Arte. Educação Ambiental. Flor da Permacultura. Movimentos Sociais.

1. Mestra em Desenvolvimento e Meio Ambiente pela Universidade Federal de Sergipe, oceanóloga, professora substituta do Núcleo de Teatro da Universidade Federal de Sergipe, membro do grupo de pesquisa Arte, Diversidade e Contemporaneidade (ARDICO/CNPq). E-mail: priscaocean@gmail.com.

2. Doutorado em Ciências (Energia Nuclear na Agricultura) pela Universidade de São Paulo, professor na Universidade Federal de Sergipe, líder do grupo de pesquisa Biodiversidade e Conservação da Fauna e Flora de Sergipe (Biose). E-mail: adautoead@gmail.com.

The Theater of the Oppressed a way of interdisciplinary and sustainable in semi-arid northeastern

Priscilla Teixeira Campos*, Adauto de Souza Ribeiro **

Abstract

This study seeks to understand how the Theatre of the Oppressed coupled with social and environmental issues listed by the Permaculture Flower, enhanced by the experiences of environmental education in understanding complex concepts such as sustainability. The qualitative research methodology was based on action research using the concepts of sustainability and environmental education as emancipatory critic. The field work was carried out through theatrical workshop in which Oppressed Theatre plays were performed with social and environmental issues to the youth of the semi-arid Sergipe's political collective. The data was collected through questionnaires, interviews, conversation circles and field diaries. The main question which investigated the theoretical and methodological contributions to the Theatre of the Oppressed and the Permaculture Flower bring to the environmental education. Data analysis was performed by triangulation, categorization and thematic analysis. We conclude that the Theatre of the Oppressed, allied to the Permaculture Flower, is effective on-site environmental diagnosis and in understanding complex concepts as the sustainability, becoming an integrative possibility of exercising Environmental Education as an aesthetic dimension.

Keywords

Agroecology. Pesticides. Popular Education. Theatre of Oppressed. Social Movements.

* MSc in Environment and Development, Federal University of Sergipe, state of Sergipe, Brazil; substitute teacher, Federal University of Sergipe, state of Sergipe, Brazil, member of the research group Art, Diversity and Contemporary (ARDICO/CNPq). E-mail: priscoceano@gmail.com.

** PhD in Science (Nuclear Energy in Agriculture), University of São Paulo, state of São Paulo, Brazil; professor, Federal University of Sergipe, state of Sergipe, Brazil; leader of the research group Biodiversity and Conservation of Fauna and Flora of Sergipe (Biose). E-mail: adautoead@gmail.com.

Introdução

Ser cidadão não é viver em sociedade, mas transformá-la.

Augusto Boal, *Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas*, 2005.

Diante da crise socioambiental em que nos encontramos, vemos esse momento como crucial para o entendimento, comunicação e prática da sustentabilidade. Apontamos a Educação Ambiental (EA) como um caminho para a alcançarmos, porém grande parte das experiências existentes em EA tem sido um processo falho quanto ao alcance de seus objetivos (LEFF, 2009). Um dos motivos é que a preocupação inicial dos educadores limita-se aos objetivos de conservação da natureza, não aprofundando em aspectos relacionados à pluralidade do ser humano. Destituem-se, assim, os entendimentos e as provocações advindos da percepção dos campos simbólico (razão) e sensível (sentimento) que, juntos, nos dão o conhecimento e, portanto, a compreensão mais próxima da realidade (BOAL, 2009).

Em nossa trajetória como educadores e ambientalistas, buscamos formas alternativas de compreender e praticar a EA. Os caminhos trilhados levaram-nos à Permacultura, uma filosofia de ocupação da terra de forma sustentável, que, segundo Mollisson (1997), é a habilidade de manter o sistema de forma permanente e harmônica, incluindo o estudo de microclimas, espécies e ecossistemas, uso e manejo dos recursos, como água e energia, e adequação das necessidades humanas em uma teia organizada de comunidades produtivas.

Do ponto de vista da EA, Legan (2004) trouxe a Flor da Permacultura (FP) como um modelo de assuntos urgentes e necessários a serem debatidos e vivenciados para uma melhor compreensão e exercício da sustentabilidade. Mas, na nossa inquietação por encontrar uma

EA que não se encaixasse no “processo falho” (LEFF, 2009), faltava algo: o “como” discutir esses temas relevantes trazidos pela FP de forma vertical, que não só sensibilizasse, mas que também fizesse sentido aos educandos proporcionando-lhes, ainda, uma experiência estética.

Nesse ponto, já havíamos conhecido o Augusto Boal, criador do Teatro do Oprimido (TO), tornando-nos multiplicadores do CTO/RJ (Centro de Teatro do Oprimido), e decidimos fazer empiricamente esse encontro entre a forma sensível de realizar a luta social por meio dos jogos boalinos com os temas fundamentais para o entendimento da sustentabilidade trazidos pela FP.

Após vivenciarmos a potência desse encontro no Projeto Argos de Arte Educação Ambiental durante oito anos, em 13 estados brasileiros e com mais de 3 mil pessoas, iniciamos a sistematização dessa experiência em forma de oficina de teatro ambiental durante dois anos na Universidade Federal do Ceará (UFC) em um projeto de extensão³ sob a coordenação do Prof. Edson Vicente da Silva, o Cacau, em 2011. Este texto é também resultado de dissertação de mestrado, defendida em 2014 na Universidade Federal de Sergipe (UFS).

Buscamos, aqui, compreender como o Teatro do Oprimido (BOAL, 2006) e a Flor da Permacultura (LEGAN, 2004) potencializam as vivências de EA, por unir a percepção dos campos simbólico e sensível na compreensão do conceito de sustentabilidade pelos jovens do Movimento Coletivo da Juventude no sertão sergipano.

O TO nasceu na década de 1970, como resistência política e força de educação popular para atores e não atores, assim como uma ideologia e práxis de democratização do teatro. Aproxima-se da ideologia de Paulo Freire

3. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MITgq1Qu5oA>>. Acesso em: 24 dez. 2014.

e tem o intuito de libertação dos oprimidos, principalmente pelo viés cultural. Esse método é praticado em mais de 70 países, em quase todos os estados do Brasil, e seu criador, o teatrólogo brasileiro Augusto Boal, foi indicado ao Nobel da Paz, tendo seus livros publicados em 22 idiomas.

Há uma plasticidade muito grande e um alcance temático de alta variabilidade, sendo o TO utilizado como método de trabalho inclusive na produção acadêmica em várias áreas do conhecimento, como Educação, Educação Ambiental, Educação Social, Saúde, Direito, Economia, Artes, Artes Cênicas, Psicologia, Ciências da Comunicação (BARBOSA, 2011) e Ciências Ambientais (CAMPOS, 2014a).

O TO, como um método, traz para os processos educativos novas formas de se produzir conhecimento e apreendê-lo de forma significativa, pois trabalha a “desmecanização” dos sentidos e a criação de sentidos próprios baseados na vivência dos sujeitos, como orienta os Parâmetros Curriculares Nacionais de Artes⁴, mais especificamente desde a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira) de 1996.

A FP, como já explicitada, funciona como uma bússola temática da sustentabilidade, um norteador de quais temas devem ser trabalhados para poder dizer se um ambiente é sustentável ou não.

Assim, o objetivo geral desta pesquisa foi investigar como o TO potencializa as vivências de EA para ampliar os conhecimentos socioambientais do Movimento Coletivo da Juventude no sertão sergipano. Para atingi-lo, ele foi desmembrado nos seguintes objetivos específicos: a) aplicar uma oficina de TO ao Coletivo da Juventude para aprofundar os conhecimentos socioambientais locais; b) avaliar a aprendizagem desses jovens após a aplicação dessa oficina quanto aos conhecimentos socioambientais trabalhados nela.

Ao tratarmos de paradigmas da

sustentabilidade, que envolvem simultaneamente as esferas econômica, ambiental e social, necessitamos de um olhar transdisciplinar e do desenvolvimento de uma compreensão outra do meio que nos cerca para podermos criar uma nova relação mais salutar com esse meio. Segundo Leff (2009), a EA, nesse sentido, converte-se em um projeto estratégico com o propósito de modificar valores e desenvolver habilidades com capacidade de orientar a transição para a sustentabilidade. A EA, como a entendemos, parte de uma visão crítica e emancipatória (LOUREIRO; LAYRARGUES; CASTRO, 2006; DIAS, 2004; SANTOS; SATO, 2006), ressignificada segundo a concepção da Educação Estética (DUARTE JÚNIOR, 1988).

O elemento teórico que o TO traz é o entendimento da relação de poder existente entre o oprimido, que tem uma vontade, e o opressor, que detém o poder sobre a vontade do oprimido. Entendemos isso como um primeiro passo necessário à quebra dessa relação de poder e à compreensão que perpassa o indivíduo/coletivo em seu meio e, portanto, as suas questões socioambientais. Acreditamos que esse entendimento pode ser facilitado pelos jogos e exercícios trazidos pela metodologia boalina quando contextualizado com as temáticas suscitadas pela FP. Destacamos, assim, a seguinte questão de pesquisa norteadora do nosso estudo: Que contribuições teóricas e metodológicas o Teatro do Oprimido e a Flor da Permacultura trazem para a educação ambiental no Movimento Coletivo da Juventude em Sergipe?

O Arsenal do Oprimido é um vasto campo teórico-prático e está longe de ser esgotado neste trabalho. Os elementos do TO utilizados neste estudo foram: os jogos corporais de desmecanização divididos nas cinco categorias referentes aos sentidos humanos (BOAL, 2006); os debates suscitados pelas peças de Teatro-fórum, que discutiram as relações de poder em torno da questão

4. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf>>. Acesso em: 24 dez. 2014.

política levantada pelo grupo: os agrotóxicos; e a Estética do Oprimido, dividida nas três categorias: palavra, som e imagem, referentes aos canais estéticos de dominação cultural. Para Boal (2009), a criação dos oprimidos por meio desses canais estéticos é a chave para sua liberação cultural e política dos opressores.

Este estudo faz interface metodológica entre pesquisa qualitativa de BAUER e GASKEL (2011) e pesquisa-ação de THIOLENT (2005), cujos instrumentos de intervenção são a Flor da Permacultura (LEGAN, 2004) e o Teatro do Oprimido (BOAL, 2006; 2009) em forma de oficina teatral.

O grupo escolhido para desenvolver o trabalho de campo como base de estudo foi o Movimento Coletivo da Juventude, devido tanto pela sua trajetória política na região quanto pelo seu interesse em vivenciar o TO e por conhecer previamente a potência desse método nas lutas sociais em todo o mundo. O trabalho ocorreu no Centro de Formação dos Movimentos Sociais Ana Patrícia em Porto da Folha-SE em 2012.

O termo coletivo é definido como a “juventude da classe trabalhadora, oriunda dos movimentos sociais, pastorais, grêmios estudantis, grupos culturais e grupos populares da cidade e do campo”⁵. O coletivo político se define como o grupo que luta pela transformação social por meio do trabalho de base, da militância e da educação popular.

A coleta de dados foi realizada por meio de questionários, entrevistas, rodas de conversa e diários de campo. A análise dos dados ocorreu por triangulação metodológica (HUSSEIN, 2009), na qual fizemos uma categorização dos dados (GOETZ; LECOMPTE, 1988), uma análise temática e uma análise quantitativa de distribuição de frequência entre as categorias elencadas, principalmente em relação à comparação dos dados coletados nos questionários pré e pós-teste, para melhor ilustrar os aproveitamentos dos conceitos

trabalhados antes e depois da oficina de teatro.

O presente texto divide-se em cinco sessões: Onde estamos, na qual caracterizamos a crise socioambiental atual; Educação ambiental em flor, na qual apresentamos nossa ideia de EA, bem como a Flor da Permacultura como visão de sustentabilidade; Teatro do Sensível, na qual demonstramos o Teatro do Oprimido e a estética boalina; Caminhos da Pesquisa, na qual falamos da metodologia utilizada; e Na Trilha da Sustentabilidade, na qual trazemos os resultados com suas reflexões e conclusões.

Onde estamos

Segundo Loureiro, Layrargues e Castro (2006), o entendimento da crise socioambiental é o ponto de partida para qualquer trabalho de EA. Portanto, daremos início à nossa apresentação com esse esclarecimento.

Nós, seres humanos, pressionamos o equilíbrio do planeta de diferentes formas, segundo Moran (2011), como a crise socioambiental. Sobrecarregamos os sistemas naturais pelo uso irracional dos recursos e pela geração de resíduos, que modificam biogeoquimicamente os ciclos naturais, ocasionando perda da biodiversidade, diminuição da cobertura dos solos, desertificação, perda de florestas tropicais, extinção de espécies, acidez, empobrecimento e envenenamento dos solos pelo uso de agrotóxicos. Isso resulta em consequências diretas ao ser humano, como escassez de recursos, envenenamento, alterações no clima, chuvas torrenciais e secas prolongadas, epidemias, êxodo rural, crescente urbanização, violência, fome, desigualdades sociais, crimes e guerras. “Agimos como se estivéssemos acima das regras que regem as demais espécies do planeta” (MORAN, 2011, p. 30).

Diante desse cenário, é urgente a necessidade de se entender a relação entre o homem e a natureza, as consequências dessas ações para a natureza e, por conseguinte, para

5. Disponível em: <<http://coletivodajuventude.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 3 set. 2014.

o homem, pois “a natureza pode prescindir da cultura, mas não existe sociedade e cultura sem natureza” (DI CIOMMO, 2003, p. 434). Antes da espécie humana, a natureza já existia e, certamente, continuará com ou sem o homem, o contrário já não é possível. Não há espécie humana sem água potável, alimentos disponíveis e um clima favorável à manutenção da nossa espécie. Logo, a relação de dependência e dominação é avessa a qual se apresenta. A tecnologia é capaz de prever um tornado ou uma desertificação, mas não é capaz de evitá-lo.

Educação ambiental em flor

Vislumbramos uma educação que valoriza a

perspectiva de uma EA voltada para a formação de um sujeito crítico, capaz de efetuar uma leitura de mundo contextualizada histórica, social e politicamente, compreendendo suas relações com a questão ambiental; e, ainda, capaz de se mobilizar e se empoderar, desencadeando uma ação transformadora, ativa nos ambientes de vida a qual pertence. (FERRARO JÚNIOR, 2005, p. 30).

Ora, estamos diante do Paradigma da Biocomplexidade (MORAN, 2011), no qual nos deparamos com uma ciência reducionista para lidar com questões complexas e transdisciplinares como as questões ambientais, não só pelos preceitos éticos, que são os pilares da EA, como também pela lida com a sustentabilidade, da qual não se encontrou ainda em ambas um consenso para suas práticas (CAMARGO, 2003).

Então, centramos nossas reflexões em como trabalhar o pensamento sensível (sensibilidade) aliado ao pensamento simbólico (razão). Como promover o encontro das discussões ambientais acerca da sustentabilidade trazidas pela FP, com a vivência singular e única que ocorre na esfera do sujeito quando sente a experiência estética e o seu conhecimento suscitado pela

organicidade do teatro. Para isso, trouxemos as contribuições do TO, principalmente do Teatro-fórum e da Estética do Oprimido para esse florescimento da EA que buscamos.

Teatro do sensível

Segundo Boal (2006; 2009), toda a teoria deve ser permeada por vivências artísticas, seja por meio de jogos teatrais ou criação estética, para facilitar sua compreensão e a produção de significados a partir do próprio sujeito.

Segundo Read e Siqueira (2001), o objetivo da educação é desenvolver, junto à singularidade, a consciência social ou a reciprocidade do indivíduo. Nesse sentido, a educação estética é de fundamental importância, a educação dos sentidos, nos quais a consciência e, em última instância, a inteligência e o julgamento do indivíduo humano estão baseados. É só quando esses sentidos são levados a uma relação harmoniosa e habitual com o mundo externo é que se constitui uma personalidade integrada. Para alcançar esse objetivo a arte deve ser a base da educação.

Uma forma de trabalhar o pensamento sensível é por meio da criação estética da palavra, som e imagem, que, segundo Boal (2009), são os três canais estéticos de dominação cultural. Ao criar seus próprios sentidos e valores, os conteúdos são ressignificados pelos educandos, o que torna a experiência educativa mais viva e o aprendizado mais factível, já que contextualizado, em oposição à educação bancária denunciada por Paulo Freire, cujos valores são impostos pela cultura dominante.

O Teatro-fórum, uma das modalidades do TO, é uma forma de debater um tema polêmico e de relevância social artística, na qual a plateia não é um ente passivo, mas sim “espect-ator”, aquele que entra em cena junto com os atores para propor uma solução ao problema encenado. No Teatro-fórum, “o poder que o ator detém é socializado com a plateia. Não há monólogos,

e sim diálogos permanentes entre espetáculo e espectador” (SANCTUM, 2011, p. 29).

Para Boal (2007, p. 8) “Arte e estética são instrumentos de liberação”; liberação política dos opressores, os que reduzem os indivíduos potencialmente criadores à condição de espectadores, mudando a ótica do cidadão consumidor para produtor e crítico da cultura. Nesse sentido, ao criar, o indivíduo se desvencilha da reprodução cultural, da acomodação, pois a luta é a de superação desse estado no homem.

É a luta por sua humanização, ameaçada constantemente pela opressão que o esmaga [...] muitas vezes em nome de sua própria libertação. (FREIRE, 2009, p. 51).

Em resumo, é uma violência sutil que quase sempre confunde liberalismo com liberdade.

Caminhos da pesquisa

Delimitação do local/público em questão

Este trabalho foi realizado em 2012 no sertão sergipano. Os critérios para seleção dos jovens que participaram da pesquisa foram: pertencer ao Movimento Coletivo da Juventude; ter disponibilidade para imersão na oficina de teatro com duração de uma semana; ter interesse no aprendizado; e ter mais de 15 anos, independente do sexo.

Construção da Oficina de Teatro Ambiental de acordo com o público/local

Essa oficina de trabalho foi desenhada utilizando as seis pétalas/tema da FP – água, energia/tecnologia, espécie/ecossistema, interação humana, economia local e segurança alimentar – junto às vivências artísticas, por meio dos jogos do TO e Estética do Oprimido.

O ritmo diário que se repetiu pelos

oito dias foi: início do trabalho com uma mística realizada pelos jovens; alongamento/aquecimento; jogos das cinco categorias do TO com o intuito de montar uma peça de Teatro-fórum a ser apresentada e debatida na rua com a sociedade – ação política; criação artística baseada na estética; e discussão da pétala/tema do dia contextualizada com a realidade local. À noite, assistimos documentários pertinentes ao que estávamos discutindo, intercalando com apresentações culturais trazidas por esses jovens de suas localidades.

A coleta e a análise dos dados ocorreram de forma contínua, pois um processo interfere no outro, não podendo ser feitos separadamente (LAKATOS; MARCONI, 2002). Neste estudo, na coleta de dados, utilizamos entrevistas semiestruturadas individuais e em grupo; um questionário tendo como linha de base a FP, que foi utilizada durante o pré e o pós-teste, no qual identificamos a conexão e a cognitividade do conhecimento dos jovens acerca de seu ambiente, o construto dos problemas ambientais e os conceitos de sustentabilidade. O questionário previa o preenchimento de três palavras relativas a cada pétala/tema da FP antes e depois da oficina teatral para posterior comparação.

Todas as informações obtidas durante a investigação teórica e empírica foram analisadas por meio da triangulação de dados (HUSSEIN, 2009). A análise se deu por um processo de categorização dos dados e análise temática (GOETZ; LECOMPTE, 1988). Logo, a metodologia, após escolha da área de estudo e do grupo de trabalho, resumiu-se em: montagem da oficina de teatro do oprimido ambiental, contextualizada com o grupo/local e integrando os temas da FP com as vivências artísticas do TO; a aplicação dessa oficina ao Coletivo da Juventude; a coleta e análise dos dados; a conclusão e a produção de conhecimento popular e científico: o primeiro por meio de cartilha informativa distribuída aos

jovens ao final do projeto e do documentário⁶ e o segundo por meio das publicações nos veículos apropriados (CAMPOS, 2013; 2014; CAMPOS; RIBEIRO, 2014a, 2014b).

Na trilha da sustentabilidade

Partimos da atual conjuntura de crise socioambiental com o intuito de compreender e se fazer compreender, via EA, a problemática que vivenciamos nos dias de hoje. Caminhamos entre mata fechada tentando abrir uma fresta por meio da criação artística que nos desmecanizasse o pensar para podermos pensar de fato. Trabalhando o “sentir” por meio das vivências artísticas e o “querer” por intermédio da ação política via TO.

O trabalho de oficina teatral, cujos princípios teóricos norteadores foram os conceitos conectores e cognitivos da flor por meio de suas pétalas/temas, teve duração de 200 horas com a oficina teatral acontecendo em imersão por oito dias. O trabalho ocorreu com 32 jovens de 9 a 39 anos, sendo metade pertencente ao gênero feminino (para realização desse trabalho, o ideal é que o público tenha idade superior a 15 anos, independente do sexo, e não ultrapasse 20 jovens na oficina).

Os grupos pertencentes ao Movimento Coletivo da Juventude que participaram do trabalho foram: GTRN (Grupo Teatral Raízes Nordestinas), MPA (Movimento dos Pequenos Agricultores), LPJ (Levante Popular da Juventude), MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), ACRANE (Associação Cultural Raízes Nordestinas) e FETASE (Federação dos Trabalhadores na

Agricultura do Estado de Sergipe).

Construção e aplicação da oficina de Teatro do Oprimido Ambiental

A construção teórico-prática da oficina baseou-se no tripé: Teatro-fórum, Estética do Oprimido e Flor da Permacultura, sendo trabalhados os temas ambientais por meio de jogos, exercícios e improvisações (CAMPOS, 2014a). Antes de darmos início às vivências dos jogos e oficinas, tivemos a apresentação do grupo, regras de convivência, aplicação do pré-teste e explicação da proposta. Após a oficina, tivemos a aplicação do pós-teste e a avaliação individual e em grupo do processo.

Flor da Permacultura local – transformação/ressignificação de conceitos

A comparação dos questionários antes e depois da oficina teatral resultou na criação de outra flor, diferente da inicial: a Flor da Permacultura local, contextualizada com a discussão ocorrida na oficina de teatro. Essa ressignificação surgiu também na estética, na qual a Flor da Permacultura (LEGAN, 2004), com aparência de uma flor comum aberta, com seis pétalas, tornou-se um cacto, vegetação típica dessa região e representada por esse grupo como símbolo de resistência às agruras do sistema opressivo. O cacto é uma planta cheia de espinhos muito resistente e que sobrevive às circunstâncias ambientais escassas. Para esse coletivo, a juventude é o espinho que defende sua terra da opressão do sistema vigente.

Além da transformação estética, podemos falar ainda em uma ressignificação de conceitos, no qual os conceitos iniciais da FP (LEGAN, 2004) apresentada e discutida passaram pelos saberes dos indivíduos para depois serem

6. Disponível em: <<http://youtube/qyroQfwEELo>>. Acesso em: 3 set. 2014

compreendidos e transformados em um outro saber – a Flor da Permacultura local. Apesar de tratar-se do mesmo tema, sustentabilidade, a representação que ela teve para esse grupo tornou-se outra, dividida agora em três categorias diferentes das apresentadas inicialmente de acordo com a aparição dos conceitos mais frequentes relativos à FP original (LEGAN, 2014).

Em relação à pétala segurança alimentar, as categorias que apareceram com mais frequência nos questionários foram saúde, alimento seguro e proteção do solo. Sendo que na FP original foram discutidos ainda conceitos relativos à restauração da terra, sementes de polinização aberta, floresta de alimentos orgânicos e distribuição equitativa de alimentos.

Em relação à pétala água, as categorias que surgiram foram água limpa associada à vida, bacias hidrográficas saudáveis e conservação. Na FP original, tivemos ainda o acesso a água limpa para todos e oceanos vivos.

Na pétala energia e tecnologia, as categorias surgidas relacionaram-se aos tipos de energia existentes: hidráulica, elétrica, termodinâmica; às fontes renováveis: solar, eólica e marítima; e ao desenvolvimento associado à tecnologia. Na FP original tivemos ainda a reciclagem de lixo, o uso ético dos recursos e o consumo equitativo de energia.

Na pétala interação humana, surgiram as categorias relação homem-natureza, saber

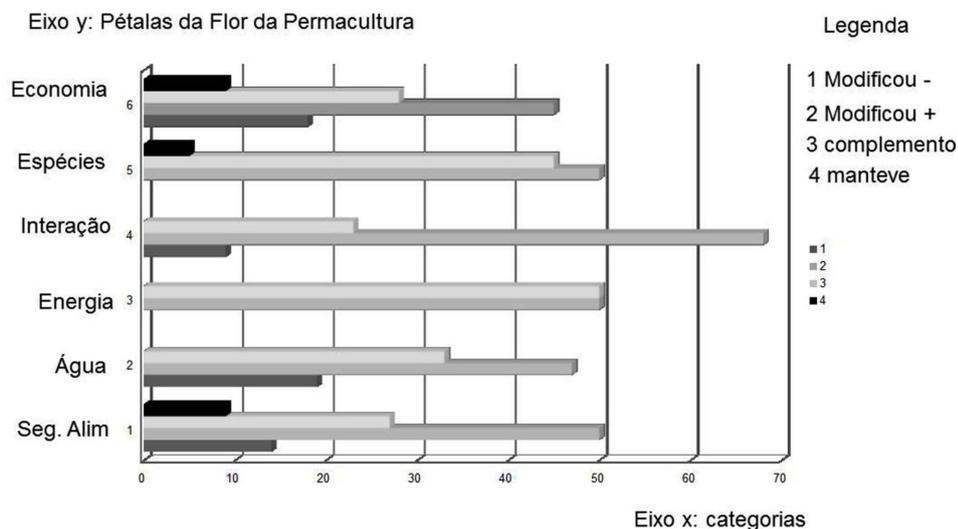
popular e consenso. Deixando de fora, em relação à FP original, os direitos humanos e a partilha do conhecimento, tão necessária a uma relação salutar entre os seres humanos e, por conseguinte, deles com o meio que os cerca.

Na pétala espécies e ecossistemas, as categorias que apareceram com mais frequência foram: biodiversidade, responsabilidade e biosfera. Na FP original, tem-se ainda respeito a todas as formas de vida e reflorestamento.

Na pétala economia local, as categorias surgidas foram produção local, comércio local e consumo local. Na FP original, temos ainda o consumo sustentável, o manejo de recursos, empresas ecológicas e minimização do lixo. Deduzimos que as categorias da FP original que não apareceram na FP local foram desconsideradas por não fazerem parte do contexto desse Coletivo. Muitos desconheciam essas temáticas e passaram a experimentá-las após a explanação e o debate.

Em relação ao aproveitamento dos conceitos socioambientais trabalhados, comparamos antes e depois da oficina de teatro e ficamos com as seguintes categorias: 1) manteve sua opinião inicial, 2) complementou sua opinião inicial, 3) modificou-a positivamente, no sentido de aproximá-la do conceito trabalhado na oficina; 4) modificou-a negativamente, no sentido de confundir-se e afastar-se do conceito trabalhado na oficina (Gráfico 1).

Gráfico 1 – Opiniões dos sujeitos pós-oficina em relação aos conceitos nela trabalhados em cada pétala da Flor da Permacultura.



Fonte: Os autores (2012).

Diante do exposto, podemos dizer que a oficina ocorreu como um ambiente de aprendizagem, no qual tivemos a oportunidade de trabalhar o pensamento simbólico (racional) por meio da temática ambiental acerca da sustentabilidade com a FP; e o pensamento sensível (arte) por intermédio das vivências, principalmente dos jogos e da criação estética oriundos do TO.

É válido observar que o índice de modificação conceitual negativa foi muito baixo em relação à complementação e à modificação positiva dos conceitos em todas as pétalas. Isso nos leva a concluir que o instrumento de intervenção – Teatro do Oprimido e a Flor da Permacultura – aplicado em forma de oficina de teatro ambiental potencializou as vivências de EA para ampliar o conhecimento socioambiental do Coletivo da Juventude no sertão sergipano, além de facilitar a compreensão de conceitos

complexos como o de sustentabilidade.

Ação ambiental: criação da peça de Teatro-fórum para debate sobre agrotóxicos

Durante a oficina de teatro, foram contadas quatro histórias de opressão. Foi escolhida uma sobre a temática agrotóxico para encenação e posterior debate na rua. A peça intitulou-se “Agrotóxicos – uma ideia que engana”, e partiu da discussão da pétala segurança alimentar, do Documentário de Silvio Tendler (2011) “O veneno está na mesa”⁷ e de uma história de opressão real vivenciada por um dos participantes da pesquisa.

A peça criada coletivamente pelos jovens foi apresentada 16 vezes em: Poço Redondo, Porto da Folha, Quiçamã, Japoatã, Itabaiana, Japarutuba e Bom Sucesso, todos municípios

7. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=a6Lawf6CTek>>. Acesso em: 24 dez. 2014.

sergipanos; nas comunidades de Marroquinho, Poço Preto e Patos, localizados no sertão de Sergipe; no assentamento Pedras Grandes e Sítios Novos, também em Sergipe; e no Congresso Nacional de Camponeses em Brasília-DF em 2012.

Assim, por meio dessa ação, tivemos a oportunidade de discutir com a sociedade os temas que trabalhamos durante a oficina de teatro do Teatro-fórum. Foram sensibilizadas 1.183 pessoas entre oficinandos e público.

Considerações finais

Em relação ao TO, destacamos como pontos positivos: a) a possibilidade de proporcionar outra forma de se fazer EA, agregando elementos subjetivos à discussão racional e possibilitando vivenciar os conceitos que estão sendo trabalhados, além de criar uma realidade que permita vislumbrar e melhor compreender as questões que forem levantadas; b) vivenciar situações de opressão ainda que cenicamente para, debatendo-as, poder encontrar melhores soluções, além de, como dizia Boal, estar encenando-as para a vida, posto que, ao se depararem com uma situação semelhante na realidade, ela não será mais novidade, pois já foi vivenciada no teatro. Ao compreender como se dá a opressão e como se desvencilhar dela na esfera da arte, aponta-se uma possibilidade de realizar o mesmo na vida real. Como vem fazendo o TO em inúmeros lugares no mundo de muitas maneiras diferentes com o mesmo intuito, a transformação social; c) proporcionar um conteúdo ambiental pelo viés da sustentabilidade tão falada e tão pouco entendida devido a sua complexidade, para ressignificar os conceitos que lhe são atribuídos de forma lúdica e contextualizada com a realidade dos educandos.

Destacamos como pontos negativos: o TO funciona desde que seguido o método minuciosamente descrito por seu criador, Augusto

Boal, principalmente no que diz respeito à criação de uma peça de Teatro-fórum. Tentamos modificar o método partindo de uma história de opressão fictícia para atender a uma demanda temática do grupo e não conseguimos enxergar os elementos essenciais para montagem do fórum: o opressor, o oprimido e o conflito entre eles, ou o que Boal denomina de crise chinesa. Portanto, sugerimos que o método boalino seja seguido à risca, principalmente no sentido de que as histórias de opressão sejam reais, pois o TO foi criado para modificar a realidade.

Em relação à FP trazemos como pontos positivos: a) uma ferramenta norteadora de investigação das temáticas relevantes quanto à sustentabilidade; b) uma maneira rápida de se montar um diagnóstico socioambiental, no qual podemos chegar a um modelo local de questões urgentes a serem trabalhadas contextualizadas com a realidade – a FP local que traz uma ideia geral de sustentabilidade local para a partir daí desenvolver ações efetivas voltadas para resolução dos problemas apontados.

Como pontos negativos temos que, apesar de funcionar como um modelo de sustentabilidade, essa ferramenta precisa, primeiramente, ser contextualizada com a realidade local para que seja efetiva enquanto ferramenta-diagnóstico.

Em relação à junção do TO com a FP, como ferramentas de EA, destacamos como pontos positivos: a formatação da oficina de teatro, que pode ser modificada de acordo com o contexto e com o grupo que se quer trabalhar, por meio da escolha dos temas ou exercícios (BOAL, 2006, 2009).

Como pontos negativos, destacamos que essa experiência é recomendada para ser realizada por pessoas que tenham um domínio básico da teoria e prática tanto do TO quanto da Permacultura, o que a torna específica. Indicamos o CTO/RJ⁸ fundado por Augusto Boal, cujos seguidores são fiéis ao seu método.

8. Disponível em: <www.ctorj.org.br>. Acesso em: 24 dez. 2014

Diante do que foi apresentado neste trabalho, respondemos a nossa questão de pesquisa, apontando o TO e a FP como potencializadores das vivências de EA não só no aspecto racional, mas também no sensível que se traduz em um ganho enquanto experiência estética e produção de sentido pelo próprio educando, tornando seu aprendizado mais orgânico e vitalizado consigo mesmo e com o seu entorno.

Creemos que provocar a discussão e a reflexão sobre as questões socioambientais, conscientizar para mudança e busca de soluções, atentar para emergência desse processo, entender a profundidade da crise em que estamos inseridos e nos posicionarmos quanto a essa conjuntura é o papel do educador, seja ele ambiental ou não.

Diante do paradigma da complexidade em que nos encontramos, se nós não desenvolvermos

ferramentas diferenciadas, plurais e transdisciplinares para podermos entender e comunicar o que descobrimos sobre as questões socioambientais, cairemos no que Leff (2009) designa de processo falho ao tratarmos a EA.

Na sociedade da reciclagem e da minimização do consumo, ressignificar a EA, principalmente em sua prática, talvez seja uma atitude mais ecológica. E certamente a arte é uma grande aliada nesse processo.

Agradecimentos

À Capes pela bolsa de mestrado, aos professores Aduino Souza Ribeiro, Antonio Vital dos Santos e José Mário Aleluia pelas valorosas contribuições, à ACRANE e ao Movimento Coletivo da Juventude.

Referências

- BAER, M. W; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- BARBOSA, I.B. **Jovens e teatro do oprimido: (re)criando a cidadania, (re)construindo o futuro**. 172f. Dissertação (Mestrado) - Programa Estudos da Criança, Universidade de Minho, Portugal, 2011.
- BOAL, A. **Jogos para atores e não atores**. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- _____. Educação, pedagogia e cultura. **Revista Metaxis: Informativo do Centro de Teatro do Oprimido**. Rio de Janeiro: CTO-RJ, p. 7-8, 2007.
- _____. **A estética do oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- CAMARGO, A. L. B. **Desenvolvimento sustentável: dimensões e desafios**. Campinas: Papyrus, 2003. (Coleção Papyrus Educação).
- CAMPOS, P. Educação ambiental através do teatro: por uma estética do (des)oprimido. In: ENCONTRO INTERDISCIPLINAR EM COMUNICAÇÃO AMBIENTAL, EICA/UFS, 2., 2003, São Cristóvão. **Anais...** São Cristóvão, 2013. Disponível em: <<http://www.rica.eco.br/rica/arquivos/anaiseica2013/EICA%202013-38-Educa%C3%A7%C3%A3o%20ambiental%20atrav%C3%A9s%20do%20teatro.pdf>>. Acesso em: 3 set. 2014.

_____. **O teatro do oprimido e a flor da permacultura na educação ambiental**. 113f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, 2014.

CAMPOS, P.; RIBEIRO, A. Pedagogia do teatro na criação de uma metodologia popular de educação ambiental estética. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE, EDUCON/UFS, 8., 2014, São Cristóvão. **Anais...** São Cristóvão, 2014b. Disponível em: <<http://educonse.com.br/viiicoloquio/>>. Acesso em: 24 dez. 2014a.

CAMPOS, P.; RIBEIRO, A. Metodologias alternativas de ensino: por uma desdatização da educação ambiental através do teatro do oprimido. IN: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE, EDUCON/UFS, 8., 2014, São Cristóvão. **Anais...** São Cristóvão, 2014c. Disponível em: <<http://educonse.com.br/viiicoloquio/>>. Acesso em: 24 dez. 2014b.

DIAS, G. F. **Educação ambiental**: princípios e práticas. 9. ed. São Paulo: Gaia, 2004.

DI CIOMMO, R. C. Relações de gênero, meio ambiente e a teoria da complexidade. **Estudos feministas**, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 423-443, jul./dez. 2003.

DUARTE JUNIOR, J. F. **Porque arte-educação?** 5. ed. Campinas: Papyrus, 1988.

FERRARO JÚNIOR, L. A. (Org.). **Encontros e caminhos**: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores. Brasília-DF: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

GOETZ, J.P.; LECOMPTE, M. D. **Etnografía y diseno cualitativo en investigación educativa**. Madrid: Morata, 1988.

HUSSEIN, A. The use of triangulation in social sciences research: can qualitative e quantitative methods be combinaded. **Journal of Comparative Social Work**, Stavanger, p. 1-12, 2009.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

LEFF, E. **Saber ambiental**: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. 7. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2009.

LEGAN, L. **A escola sustentável**: eco-alfabetizando pelo ambiente. Pirenópolis: IPEC, 2004.

LOUREIRO, C. F. B.; LAYRARGUES, P. P. ; CASTRO, R. S. **Sociedade e meio ambiente**: a educação ambiental em debate. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

MOLLISSON, B. **Introduction to permaculture**. Berkeley: Ten Speed Press, 1997.

MORAN, E. F. **Meio ambiente e ciências sociais**: interações homem-ambiente e sustentabilidade. Tradução de Carlos Slak. São Paulo: Senac, 2011.

READ, H. E. S.; SIQUEIRA, V. L. **A educação pela arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SANCTUM, F. **Estética do oprimido de Augusto Boal**: uma odisseia pelos sentidos. 2011. 129f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Ciência da Arte, Universidade Federal

Fluminense, Niterói, 2011.

SANTOS, J. E.; SATO, M. **A contribuição da educação ambiental à esperança de Pandora**. 3. ed. São Carlos: RiMa, 2006.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

Submetido em 3 de setembro de 2014.

Aprovado em 22 de dezembro de 2014.